

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

Waslan Saboia Araújo*

Resumo: O presente artigo tem como proposta fazer uma breve análise sobre a descrição do espaço conforme o relato de viagem de Ruy González de Clavijo, nobre da corte do rei castelhano Enrique III, que liderou uma missão diplomática até a corte do líder mongol Tarmolã, em Sarmacanda, entre os anos de 1403 e 1406. Tendo em vista que os relatos de viagens foram úteis para agregar conhecimento sobre as outras terras e que o relato de González de Clavijo foi um dos primeiros escritos em terras castelhanas, buscaremos, nesse artigo, analisar como o viajante descreveu o espaço além das fronteiras conhecidas e cristãs. Dito de outro modo, esse artigo tem a meta de compreender a montagem da imagem do distante, segundo as indicações do viajante.

Palavras-Chave: Viagens; Espaço; Oriente; Ruy González de Clavijo.

A prática de viajar que passou, gradativamente, a fazer parte da realidade do nobre castelhano trouxe um significativo contributo para a construção da cultura ocidental, uma vez que potencializou o contato entre as diferentes comunidades aquém e além do mundo cristão, facilitando as trocas materiais e culturais (KAPPLER, 1994, p.57) e servindo como uma ferramenta de apreensão dos conhecimentos e das visões que os mundos distantes tinham a oferecer aos homens que efetuavam o ato de se deslocar até as paragens desconhecidas.

As viagens ibéricas tiveram certa dinamização durante o período românico, séculos XI a XIII, tendo elas acontecido por motivos de índole religiosa, em primeiro lugar, mas também por interesses laicos (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p. 61). Deslocar-se para leste foi comum entre os homens da Península Ibérica, sendo então Jerusalém o principal destino das peregrinações para fora da península, durante os séculos XII e XIII (RUCQUOI, 2010, p.52). Os homens da

* Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Franca.

península tinham, por sua vez, certa intimidade com o caminho para o Oriente, já que, tanto religiosos como homens de armas buscaram a salvação na terra santa, e muitos foram aqueles que se guiaram por objetivos ligados ao comércio ou às negociações políticas (Ibid., p.52-53). Enxergava-se o Oriente como um destino a ser alcançado para a solução de objetivos, assim como ele era alvo de curiosidade pelas visões que dele se fazia (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p. 61).

Esse interesse pelo Oriente não cessou nos séculos seguintes. Embora as viagens tenham sofrido um decréscimo por alguns fatores, tais como a interrupção das relações com os povos chineses, em virtude da substituição da dinastia Ming pela Yuan (MOLLAT, 1990, p. 22), o fortalecimento do império otomano, que bloqueou as rotas continentais para a Ásia, em meados do século XIV, e também pela perda do domínio cristão sobre a região do porto de Acre para os muçulmanos (AZNAR VALLEJO, 1994, p. 46), as viagens ainda persistiram.

Alguns viajantes que se aventuraram nessa empreitada deixaram por escrito suas impressões sobre os povos e os mundos diferentes que se encontravam fora das fronteiras cristãs. O presente artigo pretende discorrer sobre as descrições do espaço que se encontrava fora da Europa, espaço esse, reportado pelos viajantes nos escritos sobre suas andanças, tendo como foco do estudo as imagens que se criaram do mundo fora do habitual para os castelhanos quatrocentistas.

Para tal, faremos uso dos escritos do livro de viagens, *Embajada à Tamorlán*, que se refere à missão diplomática do cavaleiro Ruy González de Clavijo, sob as ordens de Enrique III, rei castelhano da dinastia de Trastâmara. Viagem que se realizou entre os anos de 1403 e 1406, até a corte do líder mongol Tarmolã em Samarcanda, depois da vitória deste sobre o turco Bayaceto na batalha de Ankara, em 1402 (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p.09).

Embora se trate de um escrito de cunho político que almejava o estabelecimento de relações entre Castela e o império mongol, visando este como aliado, o que o configurava, portanto, como parte da política de Enrique III (Ibid., p.516), o autor se ocupou em descrever o espaço. Destacam-se no prólogo os motivos da embaixada,

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

porque [a embaixada] é árdua até as terras distantes, se faz necessário colocar em escrito todos os lugares e as coisas que estes embaixadores nessas terras, portanto, eles concordam, para que nada seja esquecido, e seja possível contar esse saber de forma mais verdadeira e melhor¹ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.79).

Essa pretensão de se criar um relato mais verossímil e prático também é um dos traços dessa obra, sendo que o autor busca descrever os aspectos mais concretos do que era visto ao longo da viagem.

A descrição dos estágios da missão diplomática se mostra presente ao longo de todo o texto, junto com a progressão cronológica detalhada: “Segunda-feira que foi o dia 21 do mês de maio do ano de mil quatrocentos e três do nascimento do nosso senhor, os ditos embaixadores chegaram ao porto em Santa Maria” (Ibid., p.82). Constrói-se uma narrativa da viagem como um avanço contínuo rumo ao destino, mas que perpassa um espaço que se mostrava novo e surpreendente em muitos aspectos para o autor. “E tudo aquilo da cidade, parecia agradável de ver que era uma maravilha” (Ibid., p. 88).

As notícias sobre os mundos com quais alguns viajantes iam tendo contato punham em causa parte do que se sabia até então (KAPPLER, 1994, p. 66). As imagens que o deslocamento propiciava se contrastavam com as que eram base de referência do conjunto de saberes que fazia alusão a esses mundos distantes, sendo então o entendimento sobre o mundo que se criava nos relatos de viagem ou tratados sobre a geografia muito ligados aos conhecimentos bíblicos e clássicos que configuravam então a forma do conhecimento dos homens do medievo² (RUBIO TOVAR, 1986, p. 18).

Para alguns estudiosos, os escritos sobre as viagens mostravam em certo interesse em esclarecer algumas ideias que se tinha acerca das terras distantes, tendiam a deixar os relatos mais objetivos e menos fantásticos (KAPPLER, 1994, p.66). Com isso surge uma

¹Todos os excertos da fonte são frutos de tradução feita por nós durante o estudo da mesma.

²No seu trabalho sobre os livros de viagens espanhóis do século XV, Joaquim Rubio Tovar mostra como a descrição do mundo nos tratados medievais era geralmente uma área habitável pequena cheia de coisas fantásticas, a cartografia era mais voltada para questões subjetivas da época do que prática, montava mapas moralizados, que levavam em conta questão religiosa como uma das mais importantes. Sendo os séculos XII e XIV cenário de mudanças na visão sobre o mundo, o pensamento deixa de se basear apenas nas escrituras sagradas e começa a levar em conta saberes antigos redescobertos, assim como um contato com saberes muçulmanos. As cruzadas, invasões mongóis e expedições para a Ásia abriram o campo do saber prático, autor levanta a hipótese de que o contato de viajantes com o mundo chinês e mongol tenha apresentado esse tipo de saber mais prático à Europa.

espécie de dualidade, entre a experiência e o saber do passado, na forma de se retratar os relatos e as descrições do espaço (ZUMTHOR, 1994, p.25-29).

O caráter informativo agia na criação de uma nova visão do desconhecido, mas que não seria uma ruptura com a antiga e tradicional, e sim uma atualização que, através das analogias, criava uma visão que buscava ser mais verossímil e aceitável de acordo com os padrões de realidade da época (POPEANGA, 1991, p.24). As expectativas daqueles a quem o viajante se reportava também eram pautadas nessas noções maravilhosas, que geravam então uma duplicidade nos relatos sobre o distante que se construía entre a imagem fixa e a combinação dos conhecimentos prévios e experiência (FRANÇA, 2009, p. 359), sendo que as reminiscências do passado seriam uma forma de se validar o presenciado.

O tradicional tinha um peso na modelagem do vivido. As falas dos viajantes não escapavam a esse caráter medieval de construção de saber, sendo que as imagens que os viajantes criavam dos mundos de fora muitas vezes tinham um forte apego às noções do passado sobre o Oriente (FRANÇA, 2009, p. 359).

Dentro dessa perspectiva da montagem de uma imagem da realidade que se criava através dos relatos sobre os episódios vividos durante a viagem, assim como das coisas vistas ao longo do percurso, nos delimitaremos a analisar as descrições que Clavijo fez sobre o espaço, principalmente o espaço fora da Europa, tendo em mente que sua descrição seria influenciada por fatores que se originavam no meio social e cultural de sua época. As imagens sobre o Oriente eram também fruto das observações de viajantes mais antigos e das reminiscências literárias clássicas e fabulosas (MOLLAT, 1990, p.23).

Pretendemos matizar as descrições sobre o espaço feitas por Clavijo, um viajante do século XV, castelhano, de origem nobre. Interpretando seu testemunho como participante do contexto da confecção dos escritos sobre os outros mundos. Tendo em mente que as especificidades não se encontram nos indivíduos, mas na cultura que estes aceitavam como vigente na qual estavam inseridos (VEYNE, 2011, p.510).

Os relatos de viagem como descrição de uma época

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

O gênero de fontes tido como relatos de viagens são frutos de diversos estudos e visões sobre sua formação e significância para a época em que são escritos. Tendo isso em vista, podemos elencar algumas perspectivas que auxiliam a matizar nosso olhar sobre esse tipo de documento do passado.

Através da análise dos textos referentes à viagem podemos destacar uma visão que pretende enxergar como as representações contidas nos relatos de viagens não seriam apenas fruto das relações sociais, mas como parte destas (GREENBLATT, 1996, p.20) no que tange a montagem de um conhecimento sobre novos lugares e povos. Entende-se a escrita como uma forma de racionalização do visto, sendo ela uma forma de construção do conhecimento sobre aquilo que era apreendido nas viagens, levando em conta as singularidades de cada tipo de representação.

Essa visão interpreta a construção dos relatos através da ideia de que existiriam mecanismos aplicados por indivíduos culturais para a transformação ideológica de corpos estranhos, não sendo então as formas de representação neutras, mas como parte da criação do conhecimento daquela cultura através da escrita. A representação do visto durante a viagem era, pois, não só uma forma de relatar o vivido mais uma construção sobre os outros mundos. Como o exemplo das *maravilhas* que eram um sistema de reconhecimento e representação do novo e da alteridade que se presenciava na viagem (GREENBLATT, 1996, p. 31).

O processo de análise da escrita se foca na questão de como os relatos são formados dentro de um determinado tempo histórico, visando o entendimento de como os escritos são formados nesse período (AVELAR, 2011, p.17). A cultura seria então uma rede de signos (AVELAR, 2011, p.21) que os homens usam para dar sentido às coisas, sendo então os relatos de viagens umas das formas dessa cultura de se expressar e montar suas concepções. O relato proveniente da viagem seria uma forma dos homens entenderem o distante através da dotação de significantes que eles extraíam da sua cultura.

Outra concepção se trata da defesa de que os livros de viagens são formados como uma mensagem de cunho informativo, em que o ato da viagem se transformaria em uma

experiência cheia de significados compartilhados pelo fundo cultural e social, tanto do transmissor como do destinatário do escrito (POPEANGA, 1991, p.9-26).

Assim, as viagens ao desconhecido muitas vezes entravam em choque com as imagens já constituídas sobre as distantes terras, sendo eles obrigados a fazer alterações naquilo que se tinha como verdade pelas tradições literárias. O viajante/autor seria então aquele que confronta a realidade com as noções culturais pré-estabelecidas, que quebra com sistemas de códigos e promove a criação de um novo mundo, não um que desminta o antigo, mas que se mostraria como uma atualização dos saberes.

Logo, os relatos de viagem teriam em comum o desejo de informar sobre as terras distantes, através do balanço do que era visto e vivido durante o traslado. Mesmo que existissem diferenças entre os tipos de relatos, sendo as mais perceptíveis sobre o tipo de viagem feita, se real ou imaginária, eles ainda teriam como premissa a montagem de uma imagem das terras e das visões dos mundos desconhecidos pela maioria. Esse caráter informativo agiria na criação de uma nova visão do desconhecido, mas que não seria uma ruptura com a antiga e tradicional, e sim uma atualização que, através das analogias, criavam uma visão que buscava ser mais verossímil e aceitável, de acordo com os padrões de realidade da época. Embora seja difícil de enquadrar essa vasta gama de documentos em um gênero coeso, não se pode relegar o papel deles como veículos de informações e ideias sobre as terras que se abriam para o Ocidente. Sendo o viajante, nessa perspectiva, uma espécie de mensageiro que faria a ponte de um mundo ao outro, através das suas informações e de sua tentativa de montar uma imagem mais específica e objetiva.

Assim, a questão da descrição que tentava chegar a uma melhor representação do que seria o outro mundo com o qual os viajantes teriam contato em suas andanças permite que entendamos os viajantes medievais como homens inteligentes, mas não intelectuais, com um forte sentido prático, não sendo então observadores com um cunho filosófico ou científico, mas sim que tentavam descrever aquilo que viam de maneira clara e objetiva (LABARGE, 2000, p.304). Os informes que continham os relatos dos viajantes tinham um nível de aceitação pelo fato de que a sociedade medieval conhecia pouco sobre mundos fora do seu

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

conhecimento, além da fascinação que as histórias por si só causavam nas pessoas. Assim, os relatos foram se disseminando e tomando espaço entre os interesses dos medievais, bem como se tornando parte importante do saber que se construía do mundo pelos homens da época (LABARGE, 2000, p.27).

Nessa perspectiva, os relatos de viagens tinham em comum o almejo da descrição mais precisa do que era observado durante a viagem, sendo uma das maneiras de sanar a curiosidade sobre as outras terras. O novo e o estranho tinham lugar de destaque nesses escritos que se referiam aos povos e reinos tão distantes do cotidiano dos cristãos, e os escritos que nasciam desses périplos teriam uma pretensão ao verossímil na montagem de uma imagem das visões que ocorriam durante a viagem. Os escritos que relatavam as viagens seriam montados tendo como um dos seus objetivos informar sobre o distante e seus componentes de maneira a mostrar as diversidades e coisas exóticas que as paragens longínquas teriam.

Logo, a viagem se apresentava não só como uma compilação de dados e descrições, mas também uma preocupação que teriam os escritores da viagem em fazer um balanço das novidades, sendo que tais informes seria uma prova da verossimilhança (CASTRO HERNÁNDEZ, 2013, p.48). Os viajantes procuravam o diferente nas outras terras, sendo o diferente causador do interesse, atestando também que a diferença é um aspecto de qualidade (KAPPLER, 1993, p.62). Os estudos apontam uma curiosidade existente nos homens que se dirigiam ao distante, em alguns casos um interesse em esclarecer os enganos sobre as terras distantes, através de “protestos de veracidade” que tendiam a deixar os relatos mais objetivos e menos fantásticos (Ibid., p.66).

Essa visão embora tenha nos auxiliado a pensar na questão da formação dos relatos, não se põe como determinante para a análise a que nos propomos. A questão da construção de uma perspectiva da realidade vista nas viagens é para o estudo muito fundamental, já que interpretamos os escritos como uma forma de montagem da época, através da perspectiva dos homens que os escreviam dentro das possibilidades da época (VEYNE, 2011, p. 508), mas tentamos levar em conta que as imagens que se criavam das terras distantes, como o Oriente, se ligavam a uma herança de saberes e lendas mais antigas (FRANÇA, in: MOURA ET

aliae, 2009, p. 359) sobre o distante. Existiriam então tópicos que, por mais que o viajante quisesse criar um relato de maior criticidade quanto ao visto, apareciam dentro da sua relação de viagem, como no caso de Ruy Gonzáles de Clavijo. Embora tenha construído um texto voltado para uma descrição mais prática do visto durante a viagem, sendo esta uma missão diplomática, abre espaço para aspectos mais voltados para a questão da imagem com um aspecto exótico do oriente:

E diziam que na cidade de Antioquia, no tempo em que lá havia idolatrias, adoravam a figura de Tragón, havendo o hábito da cidade de dar a cada ano uma pessoa que era sorteada para aquele dragão comer. E aquele que fosse escolhido não poderia recusar de ser comido pelo dragão (GONZALÉZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.122).

A passagem mostra como Clavijo, embora se ocupe, na maior parte do tempo, em descrever os fatores com os quais tinha contato durante a missão e de cunho concreto, como a descrição da arquitetura das cidades e fatos políticos, faz menção a um aspecto que se liga ao fantástico que era mais comum nos escritos antigos que se referiam ao Oriente. Embora não seja propriamente uma visão do exótico, essa passagem faz parte da exposição como algo que o viajante acharia pertinente de deixar por escrito.

Os aspectos culturais em voga na época se mostravam presentes na relação que o viajante fazia do mundo com o qual entrava em contato. A vontade de mostrar o mundo novo permanecia nas descrições, mas a chegada num lugar totalmente novo, de onde não se tinha notícias a não ser das tradições literárias antigas, era então transformada numa receptividade fabulosa (KAPPLER, 1993, p.39), no qual o estranho e o incomum eram aguardados (Ibid., p.149).

As leituras sobre o gênero das viagens medievais nos mostram como esse *corpus* documental era confeccionado a partir das possibilidades culturais da época, sendo organizado segundo o contexto histórico e as possibilidades de crença e realidade das épocas aos quais pertenciam (VEYNE, 2011, p.508). O caráter informativo e descritivo do vivido unia-se às noções do que era esperado viver e presenciar nos ambientes fora do mundo cotidiano.

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

Os escritos, além de ser uma forma de retratar o que teria sido vivenciado, eram uma forma dos homens mostrarem o que entediam por realidade, compartilhada pela sua época.

O espaço em *Embajada a Tamorlán*

Encaramos, portanto, os relatos de viagens como uma forma de representação da realidade interpretada pelos homens da época, de maneira que os condicionantes culturais permanecem presentes tanto na percepção, como na construção dessas imagens que se referiam aos lugares distantes que os viajeros iriam. Sendo, então, as condições históricas o principal condicionante que propiciava o desenrolar da viagem, tendo influência nas disposições e nos olhares do viajante e, por conseguinte, na sua descrição do espaço (KAPPLER, 1993 p. 53).

Os relatos de viagens criavam imagens do distante através da experiência do périplo, como pela rede de tradições e saberes das quais os viajantes dispunham para entender o que era presenciado, nessa questão, o espaço era um dos alvos dessa montagem, sendo essa descrição espacial dependente da interpretação daquele que o descrevia. Existindo uma ligação do espaço com a cultura, questões como parentesco, profissão se vinculam a espacialidade, os homens os nutriam de significados (ZUMTHOR, 1994, p. 42). Logo, um determinado espaço que estava inserido no território de uma cultura específica não era apenas mais uma parte do território físico, era também parte do imaginário dos homens que ali habitam ou mesmo que passavam por ele.

A “imagem do mundo” que o ocidente tem até o começo da modernidade se liga muito com a questão da experiência do espaço, sendo esta experiência então algo que sofre inúmeras transformações a partir do século XIII (ZUMTHOR, 1994, p. 45). O espaço se mostra como um objeto de estudo não estável, sendo que sua interpretação depende muito do tempo em que ela ocorre. O espaço, mais exatamente a interpretação dele, se liga diretamente com o tempo (Ibidem).

Assim, para esse trabalho, o foco é na matização da visão acerca do espaço, principalmente o de fora e desconhecido, que se encontra na relação da missão diplomática de um fidalgo castelhano do século XV, o que para alguns autores seria o século de um

crescimento de uma descrição mais voltada para um utilitarismo, fazendo surgir uma espécie de dualidade na forma de se retratar, entre a experiência e o abstrato, nos relatos e descrições do espaço (Ibid., p. 320).

Temos o pensamento de que os relatos servem às características de formação dos seus escritores (Ibid., p. 294). Os relatos medievais tinham um perfil ambíguo sobre a montagem da realidade vista: hora mais abstrato, vinculado às maravilhas e imagens que provinham de pensamentos antigos ou também relatos mais voltados para o concreto e útil, dependendo da demanda do período, como os relatos dos portugueses que se transformavam numa nação marítima e necessitava de relatos mais sérios e que descrevessem melhor o ambiente das viagens.

O relato de viagens aqui tratado seria fruto da viagem de uma missão diplomática que o rei de Castela Enrique III enviou à corte do líder mongol Tarmolã, tendo como chefe um cavaleiro da corte: Ruy González de Clavijo. A obra se projeta para uma questão literária, com um forte traço informativo, escrita na língua vernácula, e tal cuidado seria fruto da curiosidade sobre esse outro mundo (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p.64).

Embora a viagem seja em suma um ato diplomático e político, a questão do conhecer o outro mundo é colocada como importante. A obra que resulta dessa viagem faz mais que cumprir a missão política, pois vira também alvo do público que tinha curiosidade sobre as terras distantes (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p. 66). Assim a descrição do espaço se mantém presente ao longo do relato de maneira que o viajante escritor faz um balanço, sóbrio, mas bem vivido sobre as terras do outro mundo, fazendo tanto uma apresentação quanto montando uma imagem com algum juízo de valor sobre o espaço percorrido.

Os relatos de viagens foram responsáveis pela construção paulatina de uma imagem das terras que eram desconhecidas da vista da grande maioria da população cristã da Europa, imagem essa nada coesa, mas que continha nuances que dependiam da época e do lugar de onde o viajante falava. Clavijo mostra uma relação com o Oriente que não se baseia só na questão de subjugação, como foi outrora com as cruzadas (Ibid., p.64), mas se foca em

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

apresentar uma imagem rica em detalhes que sanassem a curiosidade sobre o distante desconhecido.

“E esta terra deste império de Samarcanda é muito povoada, terra muito bruta e abastada de todas as coisas” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p. 241). Ele usa a descrição para mostrar um Oriente expresso, de certa forma, filtrado pela visão do viajante, que ganha legitimidade no mundo europeu dentro da sua racionalidade.

A missão de descrever o visto durante a viagem se liga à questão do esforço do nobre em cumprir com seu dever, daí a preocupação em se mostrar um relato sóbrio que tinha como uma pretensão à verossimilhança de forma a apresentar o espaço que percorria. É importante ressaltar que, com o fim da Reconquista, o componente nobiliárquico que sempre atuou de maneira angular em questões locais, tais como a organização de repovoamentos e as guerras, continua a atuar nos negócios do reino. Nos séculos XIV e XV, os nobres agiam em conjunto com o rei na gerência dos assuntos públicos³ (MACKAY, 2000, p.111). O enfraquecimento da arte da guerra pós Reconquista não reduziu o brilho do estamento nobiliárquico, o senso de individualismo e serviço do nobre encontraram um amparo na questão de cavaleiro andante, tendo os nobres ibéricos um destaque dentro dessa nova forma de cavalaria (ANTELO IGLESIAS, 2014, p. 42).

A viagem atua assim, como parte das responsabilidades dos nobres, sendo através destas que eles conseguiam as façanhas e proezas que seu estamento social estava então acostumado. A obra de Clavijo seria o primeiro testemunho literário da diversidade geográfica e humana, vindo de Castela (LÓPEZ ESTRADA, 1993, p.66). Nele o viajante se dedica a informar a novidade para o leitor e ouvintes, já que, para ele, aquelas visões também eram novas (Ibidem).

³Angus Mackay diz que em Castela o rei não exercia um poder absoluto, no entanto, não tinha seu papel apagado pelas cortes de nobres que eram responsáveis pelos locais mais afastados do centro. Para o rei era importante respeitar as opiniões dos cavaleiros que geralmente sustentavam o reino, sendo que estes respeitavam o rei pelo que o autor chama de um poder natural que a monarquia Castelhana construiu ao longo da Reconquista, com seu relacionamento com a questão fronteiriça, onde os nobres tiveram um papel fundamental na proteção e administração desses postos avançados da coroa.

A preocupação em descrever o diferente é sempre presente na descrição do espaço feita por Clavijo:

E os ditos embaixadores partiram desta cidade neste dia que chegaram, e andaram todo dia e a noite, quanto puderam, e ainda que quisessem descansar, não os deixavam: e mesmo que fosse noite, o calor era tão grande que era uma maravilha; e fazia um vento quente, que parecia queimar. (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.225).

No trecho é possível notar não apenas o cuidado em demonstrar o esforço da missão como uma empreitada dificultosa e árdua, como também o espanto e “maravilhamento” com as condições climáticas do espaço por onde passavam os embaixadores, não sendo uma passagem que demonstre um repúdio. O uso do termo maravilha era designado então para o exótico e espantoso que se tinha em mente encontrar nos mundos de fora (KAPPLER, 1993, p.80). A imagem que se monta do espaço percorrido liga-se à questão do ato de viajar como missão e, ao mesmo tempo, a questões como menções ao clima, vegetação, etc., que transformam o ambiente em algo digno de se assemelhar a uma maravilha. Um aspecto intrínseco do lugar por onde se viaja é o exótico do mundo percorrido.

A questão da descrição é algo de peso para o viajante que tenta recriar, através de suas palavras, aquilo que tinha visto. Seus olhos capturam e remontam de maneira detalhada e didática as imagens arquitetônicas de Constantinopla, por exemplo, mostrando toda a suntuosidade das construções da cidade, como é possível ver na descrição de um claustro pertencente a uma igreja: “Fora do corpo da igreja se encontra um Claustro de obra muito formosa e de muitas histórias, sendo uma delas a de Josué, da linhagem de onde vem a Virgem Santa Maria, e era obra de música, e tão maravilhosa e tão rica e decorada” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.123). Nota-se como a descrição do espaço, que é geralmente mais impessoal, ganha uma expressão mais forte ao recontar a beleza do artefato que menciona uma história que viajante conhece através de sua cultura.

O narrador termina sua descrição com uma frase que demonstra como as visões de fora eram para ele tão novas e exóticas, em um sentido de belo: “E tenho para mim que isto que vi, não existe coisa mais maravilhosa” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.123). O

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

maravilhoso diferente do mundo estrangeiro aqui é representado como uma obra humana, mas que remete a uma questão cara ao narrador. A atração pelas maravilhas segue o caminho inteiro, mas essa maravilha é voltada para as coisas mais racionais e concretas que os viajantes veem, mas que de alguma forma se ligam ao fundo cultural, que inclui as lendas, do viajante.

Clavijo, durante sua passagem numa ilha que teria sido povoada, mas que naquele momento se encontrava em ruínas, mostra um aspecto antigo e clássico: “houve ali dois mosteiros, grandes edifícios que seriam obra de Virgílio”.(GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p. 85). O autor coloca em sua descrição do espaço uma referência a uma cultura letrada, da qual fazia parte, sendo então importante para ele não apenas descrevesse o que havia visto em sua forma física, mas ligar suas impressões à herança clássica quando cita uma possível relação dos mosteiros com o poeta romano.

Esses aspectos levantados até o momento são uma tentativa de analisarmos os episódios que são escritos pelos viajantes como construções que se baseavam tanto pela experiência como por um fundo cultural em comum entre aquele que narra e a quem ele dirigia sua fala (CORBELLA DÍAZ, 1991, p.103) no caso da *Embajada* o rei Enrique III de Castela.

A análise não se pauta apenas numa visão do caráter objetivo dos relatos de viagem, como uma compilação dos fatos, mas interpreta estes como características da contextualização sociocultural dos homens da época, os fatos históricos e espaciais embora suscitem um acontecimento, se encontram recheados de aspectos subjetivos à cultura compartilhada pela sociedade da época (Ibid., p.105):

O espaço pelo qual a missão diplomática percorreu era então uma novidade para os homens que a formavam, sendo que estes, para entenderem melhor tudo aquilo que viram, fizeram uso de sua bagagem cultural de maneira a racionalizar o desconhecido através de uma ótica mais crível para seus pares e para eles mesmos.

O narrador não faz um relato imparcial, por mais que tenha então um forte cunho informático. As falas que remontam o espaço são preenchidas pelo seu juízo de valor sobre as coisas que vira, montando uma imagem parcial e valorativa ou depreciativa sobre os lugares percorridos.

“E acerca daquelas cidades e lugares onde havia água e prados, existiam muitas pessoas, e eram tantos e tão feios por andar ao sol, que pareciam que tinham saído do inferno. E tantos eram tantos que pareciam infinitos.” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.238). Nessa passagem, Clavijo monta uma imagem do espaço que não só faz uma menção à população que ali habitava como também tenta relacionar a característica do lugar à aparência dos homens que ali passavam muito tempo, o espaço que era descoberto pelo viajante era descrito por este como um ambiente com propriedades próprias quais eram depuradas pela carga valorativa que o autor do relato empregava.

As menções sobre o espaço se configuram nas falas do autor como um dos meios que este usa para montar uma imagem sobre o mundo que quer relatar, a exposição do concreto se liga a uma gama de valores que o viajante, um nobre, acha pertinente, como no caso da narrativa sobre as *Portas de Ferro*⁴, um desfiladeiro onde se iniciava o território sob a tutela de Tamorlã.

De uma das Portas de Ferro até as outras teriam mil e quinhentas léguas, até mais. Vê que é grande o senhor que controla as Portas de Ferro, e é senhor delas, e de todo o terreno que existe entre elas, como é o senhor Tamorlã (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p. 244).

O espaço ganha então, nas falas do viajante, uma importância em demonstrar o poder de Tamorlã, esta referência liga-se também ao objetivo da viagem que decorria da possibilidade de criar uma aliança entre Castela e o império deste senhor mongol. O espaço tem então não apenas um papel de fundo concreto por onde o viajante percorre, mas ganha um aspecto qualitativo que reflete tanto na descrição do próprio espaço como na legitimidade da missão.

Num trecho da *Embajada*, os viajantes acreditam avistar a montanha onde a arca de Noé teria atracado, depois do dilúvio, sendo próxima a cidade de Çulmarum. O narrador não

⁴López Estrada menciona o fato de esse desfiladeiro ser marco geográfico que já havia sido relatado por outros viajantes medievais, mencionado pelo flamengo Guilherme de Rubruck e até citado por antigos como Plínio nas descrições sobre o mundo desconhecido, sendo então um referencial já conhecido pelos medievos em certa medida.

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

dá provas disto ou mesmo uma explicação para tal, mas é importante ver como ele dá ênfase a essa característica de uma espécie de geografia sagrada: “[...] cidade que tem o nome Çulmarun; e dali há seis léguas, aparecia à montanha alta em que a arca de Noé ficou depois do Dilúvio.” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.189-190). O narrador faz uma referência ao passado lendário da cidade citada; “E esta cidade de Çulmarin foi à primeira cidade que foi feita no mundo depois do Dilúvio, quem a edificou seriam os da linhagem de Noé.” (Ibidem). Nesse excerto, Clavijo relaciona a descrição do espaço com uma referência a um passado imemorial cristão, frutos de lendas que seriam difundidas na época.

Também é visível essa montagem de um espaço sacralizado quando o viajante menciona a cidade de Arzinga, que se localizava as margens do rio Eufrates: “E esta cidade de Arzinga se encontra próxima de um rio chamado Eufrates, que é um dos rios que saem do paraíso” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, [1406] 1999, p.189-179). O narrador faz menção a essa geografia sagrada que bebe nas lendas e textos bíblicos. Essa informação se mistura às informações de cunho observador do narrador sobre a cidade, como eram então suas observações sobre o espaço.

A montagem que o viajante faz do espaço inclui essa referência lendária da sua cultura, a imagem que é produzida do espaço então não está livre de certos aspectos que são intrínsecos ao viajante. Estes fatores condicionam de certa maneira seu olhar e descrição sobre aquilo que via nas outras terras, sendo que seu fundo cultural era tudo que ele possuía para racionalizar sobre aquele espaço novo e diferente que se apresentava à sua frente. Conquanto, pois, o século XV seja um século de certa efervescência intelectual e palco de certas inovações da relação do homem com os saberes (CROSBY, 1999, p. 103-104), a forma como os cristãos lidavam com o espaço manter-se-ia ainda por muito tempo ligada predominantemente ao qualitativo, dada as poucas condições de quantificação e o pouco apreço por esta. Algumas alterações ao longo dos séculos são notáveis, mas a visão dos homens acerca do espaço continuaria ligada especialmente às suas crenças que se relacionavam com um sistema de explicação mais pautado em questões simbólicas (Ibid., p.105).

Considerações finais

Podemos concluir, através da observação feita nesse estudo, que as imagens que se originavam dos relatos eram uma mescla de saberes em que o viajante/autor estava embebido. Assim, as impressões que estas fontes trazem para a discussão historiográfica precisam ser avaliadas num olhar que leve em conta as especificidades da época e do lugar de onde o viajante monta seu relato.

Sendo assim, os fatores culturais que montavam a bagagem pela qual o viajante descobre o novo mundo que está à sua frente são imprescindíveis no desafio que era para ele descrever esse espaço tão diferente do seu. As condições culturais do viajante são as responsáveis pelo tom que ele emprega em seus escritos sobre os mundos, fenômenos e povos que ele encontra ao romper com as fronteiras do seu mundo conhecimento.

Logo, as descrições do livro de Clavijo embora possuam um maior apego às questões concretas e que se apresentavam ao seu alcance visível, possivelmente pela forma como a viagem nessa questão se ligava a uma prática nobiliárquica, para a qual seu relato era, então, um meio de sanar com as curiosidades sobre o extra mundo habitável; dessa forma, o autor se esforça para criar um relato que fosse aceito como crível por seus pares que teriam contato com suas falas.

Mas é possível ver em vários pontos como a questão das fábulas e lendas ainda não se diluiu por completo, sendo estas partes importantes ainda para o saber humano, e, logo, a descrição do espaço nesse momento continua muito ligada às questões subjetivas aos homens da época (CROSBY, 1999, p.104-105).

A descrição do espaço que é feita por Clavijo ainda é um balanço entre o desejo de conhecer e mostrar a alteridade que as terras de fora do mundo conhecido teriam em relação a ele, mas o processo de entendimento desse mundo não é feito em separado das noções de realidade da época, que é formada, então, pelo acúmulo de saberes que são formados dentro da sociedade e da época onde o viajante se encontra, tendo em mente que o viajante narrador é então um indivíduo que é moldado pelas instituições a que se alia, que

A descrição do espaço estrangeiro segundo os relatos de viagem de Ruy González de Clavijo (Século XV)

formam as noções de saber e verdade. Não é possível separá-lo por completo do todo (VEYNE, 2011, p.500-501).

Referências bibliográficas

Fonte:

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embajada a Tarmolán**. Madrid: Castalia, [1406] 1999.

Estudos:

ANTELO IGLESIAS, A. Caballeros centroeuropeos en España y Portugal durante el siglo XV. **Revistas Espacio, tiempo y forma**, n. 1. Madrid: Facultad de Geografía e Historia – UNED, 2014, p. 41-58. Disponível em revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/view/3477/3334, acesso em 10/01/2015.

AVELAR, A. P. **Representações de um “Mundo Novo” no Portugal de Quinhentos**. Portugal/Chamusca: Cosmos, 2011.

AZNAR VALLEJO, E. **Viajes y descubrimientos em la Edad Media**. Síntesis, 1994 (Coleção História Universal; 13 – Medieval).

CASTRO HERNÁNDEZ, P. Libros de Viaje y espaciosnarrativos a finales de la Edad Media. **Forma**, vol. 8. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2013, p.39-53. Disponível em www.raco.cat/index.php/Forma/article/view/271267, acesso em 14/11/2014.

CORBELLA DÍAZ, D. Historiografía y Libros de Viajes. In: **Filología Románica**, Anejo I. Madrid: Ed. Universidad Complutense, 1991, p. 101-119. Disponível em revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/RFRM9797220225A/11713>, acesso em 18/06/2014.

CROSBY, A. W. Circulação e Fixidez de Ideias sobre o Oriente no Final da Idade Média. In: MOURA, D. A. S.; CARVALHO, M. M.; LOPES, M. A. **Consumo e abastecimento na História**. São Paulo: Alameda, 2009.

CROSBY, A. W. **A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental, 1250-1600**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

FRANÇA, S. S. L. Andanças de viajeros medievais pelo ‘Outro Mundo’. **Notandum**, n. 12. São Paulo; Porto: Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente – EDF; FEUSP, 2009, p. 31-38. Disponível em www.hottopos.com/notand21/NOTANDUM21.pdf, acesso em 17/06/2014.

GREENBLATT, S. **Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo**. São Paulo: EDUSP, 1996.

KAPPLER, C. **Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LABARGE, M. W. **Viajeros Medievales: los Ricos y los insatisfechos**. 2.ed., Madrid: Nerea, 2000.

LÓPEZ ESTRADA, F. Viajeros Castellanos a Oriente en el Siglo XV. **Viajes y Viajeros en la España Medieval**, Actas del V Curso de Cultura Medieval Celebrado en Aguilar (Palencia) del 20 a 23 de Septiembre de 1993.

MACKAY, A. **La España de la Edad Media**: desde la frontera hasta el Imperio (1000-1500). Madrid: Cátedra, 2000.

MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: Primeiras miradas sobre nuevos mundos. México Fondo de Cultura Económica, 1990.

POPEANGA, E. El discurso medieval en los libros de viajes. **Filología Románica**, n. 8. Madrid: Ed. Universidad Complutense, 1991, p. 149-162. Disponível em revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM9191120149A/12741, acesso em 05/06/2014.

POPEANGA, E. Lectura e investigación de los libros de viajes medievales. **Filología Románica**, Anejo I. Madrid: Ed. Universidad Complutense, 1991, p. 9-26. Disponível em revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/viewFile/RFRM9191220009A/12673, acesso em 27/06/2014.

RUBIO TOVAR, J. **Libros Españoles de Viajes Medievales**. Madrid: Taurus, 1986.

RUCQUOI, A. Peregrinos de España a Jerusalén y Roma (siglos X-XIII): Peregrino, ruta y meta en las 'peregrinaciones maiores'. **VIII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos**. Santiago de Compostela, 2010, p. 41-60. Disponível em www.academia.edu/4081344/Peregrinos_de_Espa%C3%B1a_a_Jerusal%C3%A9n_y_Roma_siglos_X-XIII, acesso em 13/02/2015.

VEYNE, P. A História Conceitualizante. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: CosacNaify, 2011.

ZUMTHOR, P. **La Medida Del Mundo** - Representación del espacio en la Edad Media, Madrid: Cátedra, 1994.